

QUINTA-FEIRA
Lisboa-- 4 de Outubro --1928

N.º 5
5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

124

sempre

o PÉ

semanario
humorístico



Propriedade
CENÇA G
S. A. R. L.
LUZ BORIANT

RECTOR E EDITOR

L. BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 67

Morreu o Pé Descalço
Que a bota lhe seja leve!



le-van-tai ho-jede no--vo Oes-plen-dor dos sa-pa-teiros!

(Entre as brumas da memoria sente-se a voz do sapateiro Contente, contentissimo). Que o Sr. Lopes de Mendonça me perdoe o descalço.



Os ditos da semana



Etilisados Acabou-se a bebedeira e acabaram-se os bebedos e os seus derivados. Até aqui os derivados da bebedeira eram o *cabrito*, o trambulhão, o zig-zag pelas ruas, a tarca na cara metade e, alguma zaragatasinha com a policia terminada por um julgamento no Torel. Agora tudo mudou. A etilisação substituiu a bebedeira e substituiu a com vantagem.

A etilisação é a bebedeira etilizada, como a propria palavra indica, é a bebedeira de punhos de renda, quasi á Luiz XV. O etilizado não *cabrita*. O etilizado expunge-se do vinho. O etilizado não dá um trambulhão, — percuta-se na calçada; não cambaleia — ondula; não bate na mulher acaricia-lhe o pelo com um marmeleiro em flor; não tem zaragatas com a policia — amarrota-lhe os colarinhos. Antigamente o bebedor sabia que estava bebado. Hoje, nenhum mortal que tenha um grão na aza, será capaz de saber que está etilizado nem uma lingua entaramelada chegaria para tamanhos luxos de dialectica e seus derivados.

O *Sempre Fixe*, que apoia inteiramente a inovação, propõe um alvitre: que se institua o Museu Nacional da Caraspana, onde serão religiosamente arquivados todos os termos antiquados e todos os derivados da antiga bebedeira. Ali, devidamente etiquetadas e arrumadas cronologicamente em prateleiras de vinhatico, alinharão todas as reminiscencias do passado — a embriaguez, a bebedeira, a caraspana, a camoeca, a grossura, o grão na aza, os pés inchados, a pinga, a cegonha, a cardina, a pieta, a perua, o borracho, etc., todos de bonet de policia na cabeça e fazendo a continencia para que a posteridade saiba que quem matou os nomes da bebedeira foi a nobreza.

A bebedeira, porém, essa continuara a paisana, porque é eterna, como a fineta, a arcia no solão, o matias, o liru, etc.

Apaga e vamo-nos Anuncia um sabio inglez que o sol deve estar prestes a dar a alma ao creador. Qualquer dia, sem mais nem mais, o sol apaga-se como uma vela de stearina em que se bufa e extingue-se.

Nessa altura, o sistema planetario terá de sofrer uma profunda remodelação. Ex-

tingue-se o sol, mas abre-se uma vaga de astro luminoso. E a não ser que esta extinção tambem tenha sido decretada pelo sr. ministro das Finanças, como medida de economia, a vaga terá de preencher-se, nomeando outro sol. É natural que os pretendentes sejam muitos, porque um lugar daqueles é de fazer crescer agua na boca e nos topetes, mas o sr. dr. Costa Lobo, que é o Presidente do Ministerio da Astronomia ha-de com certeza fazer uma escolha acertada, nem se compreendia que a não fizesse, para um cargo de tanta responsabilidade nomeando um astro de sua absoluta confiança e da mais alta competencia.

Entretanto, como é possível que a vaga esteja alguns dias por provêr, a Camara Municipal tomou já as suas providencias, mandando instalar uma iluminação *a giorno*, na Avenida da Liberdade, para o que der e vier.

E assim, se realmente faltar o sol do ceu, teremos os pirilampos da Avenida. A's escuras é que a gente não fica, mesmo porque, em ultimo caso, uma comissão de alfacinhas iria pedir ao sr. Antonio Cabreira que nos iluminasse com as suas luzes.

Se, porém, o sol se apagar e não for substituído, colocam-se os outros astros que podiam ir ocupar o seu lugar na situação de adidos e se a população começar a morrer

de frio, só temos que dar graças a Deus, por se ter finalmente resolvido a crise das subsistencias, não pelo aumento dos generos de primeira necessidade, mas pela eliminação das bocas que os haviam de comer.

De resto, é muito bem feito que o sol se apague, visto que anda a desmentir ha muito o ditado de que quando nasce é para todos. Pois que se apague o sol, que ao menos a gente não terá de ir á repartição, nem que pagar as nossas dividas a tantos dias de vista. Então será um descanso.

— Apaga e vamo-nos deitar.

Os nossos ardinias no Parque do Estoril



Os «sempre fixes», para desoançarem de correr, com as costas ao sol, vão concorrer na Costa do Sol á luta de tracção á corda.

Ao magnifico «lunch» do sr. Vergani ha-de haver «gana», e depois do estomago consolado a firma Repenicado & Bengala consola, com sola de borracha, os pés dos ardinias, a quem oferece esplendidas alpergatas. Aqueles srs., com uma gentileza muito «repenicada», livraram os rapazes da «bengala» que a multa ao pé descalço lhes assentaria nas costas

«Caricias» Recebemos as «Caricias» de Cruz e Souza e ficamos muito desvanecidos com o mimo.

Recebemos e agradecemos-las por se tratar de «Caricias» que, quando vindas dum homem, valem apenas pela intenção. *Hony soi qui mal y pense*, por nós e por Cruz e Souza.

A capa é de Armindo e a letra de Mario Marques, e estas são as unicas coisas que podemos apreciar agora, que o nosso cronista musical anda a banhos. Para nós, a musica escrita representa apenas uma porção de naviosinhos de pernas para o ar, porque os nossos conhecimentos musicaes metem dó. Mas, quando tivermos ocasião de ouvir as «Caricias», já sabemos que havemos de gostar.

E' Cruz e Souza que não custa a levar ao Calvario.

Os «Sempre Fixes» Os nossos *Sempre Fixes* tambem vão ás festas do Estoril. Vão calçados, como manda a postura. As botas devem atrapalha-los nas corridas, mas hão de ajuda-los muito na luta de tracção, porque as corridas fazem-se com os pés e a tracção faz-se com as mãos e as mãos já estão habituadas a trabalhar sem luvas.

Lá virá um dia em que a policia os obrigue ao uzò da luva de camurça e então, nem tracção, nem venda de jornaes; começam os ardinias a atrapalhar-se e não dão carreira direita, nem vendem jornal certo.

Por enquanto lá vão indo, perna ao léo e cabeça fresca, pondo uma nota de alegria nas ruas, com os seus pre-gões.

Os charutos do Bonifacio

A D. Amelia, assim que bispou que o marido trazia dois esplendidos *La Casa* no bolso do colete, fez um chinfrim dos demonios!

E' que ela lá tinha as suas razões, e de peso, pois quando o seu Bonifacio puxava do charuto era sinal que vinha... pesado, metera ramboia, com certeza.

— Libertino, descarado! — bramava a consorte, desesperada, ao mesmo tempo que lhe tirava os charutos da algibeira:

— Onde fôra a parodia?... Uff!... Cheiras a vinho!

— O' filhinha, estás enganada! Não bebi vinho nem mesmo cheguei a fumar. Foi o Tomás quem m'os ofereceu...

— Pois sim mas anda lá... Se eu te apanho outra vez a fumar essa porcaria, comigo é que te entendes!

Ora o nosso Bonifacio, co-proprietario da drogaria «Está-se nas tintas», da rua do Meio, tinha, pelo menos naquele momento, razão no que dizia, porquanto os *La Casa* eram para ser saboreados numa petiscada que, nessa tarde, se realizava no estabelecimento, em que entravam varios compinchas, a fazerem honra a uma volumosa lagosta que um deles trouxera da Nazaré.

Bonifacio, embora lamentasse a apreensão dos seus preciosos charutos, não deu nem mais pio, esperando a oportunidade, que não tardaria, de se desferrar da peça que lhe pregara a esposa.

Almoçou e saiu logo, a caminho da drogaria. A D. Amalia ainda veio á escada, a dizer-lhe:

— Toma sentido, Bonifacio! O dito dito...

Bonifacio, assim que se apanhou na loja, respirou fundo. E' que, se a paz conjugal dera em droga, ali, entre tintas e vernizes, ele pintava-se por fazer das suas, longe da impertinente vigilância da consorte.

A' tardinha, no interior do estabelecimento, lá estavam reunidos os amigalhões que iam compartilhar da apetitosa lagosta.

Comeram e beberam á farta, alegremente.

Na altura devida, Bonifacio chama pelo marçano:

— Rapazi! Vai buscar charutos *La Casa*, depressa; diz que são para mim.

A tabacaria era all proximo; contudo, o marçano demorava-se. Já impacientado, Bonifacio ia a levantar-se quando o rapaz chega, enfiado, com cara de caso.

— Então que demora foi essa? E os charutos!!...

O marçano, entupido, balbuciu tímidamente:

— A patrão manda dizer que, se quer os charutos, vá o patrão buscá-los... que tem lá o cabo da vassoura á sua espera...

Pig-Meu



— Que é isso em que me falaram da tua filha andar a aprender violino?

— Não é isso. E' que ela fugiu com um violinista.

Sortes grandes?

é o PINA, se vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Gramatica moderna

A gramatica, segundo um velho alfarrabio da minha escola, é a sciencia que nos ministra as regras de bem falar e escrever uma lingua. E' assim a modos um compendio de civilidade a que só faltam as maneiras e atitudes de entrarmos numa sala ou de nos sentarmos numa cadeira.

Tudo passa, tudo muda com o evolucionar do tempo. A lei do transformismo está cada vez mais viva. Tudo se transforma: até as proprias dividas, por habilidade e desculpas dos devedores, se transformam em dividas de gratidão...

Tudo muda, tudo se transforma e a propria gramatica, apesar da sua construção solida, de pedra e cal ou de cimento armado, não escapou ás voltas que o mundo deu.

Segundo os mais modernos etimologistas, a noção da gramatica varia segundo os habitos e a profissão dos individuos que fazem uso ou abuso dela. Para os merceeiros, gramatica é a arte delicada de roubar 50 gramas no quilo do assucar, sem o froguês dar por isso. Para outros — é a arte de nos gramarmos uns aos outros com a maior resignação possivel...

Ora eu estou escrevendo uma gramatica (para uso externo, está claro), uma gramatica moderna, uma gramatica do nosso seculo.

Al vão algumas noções que os leitores hão de certamente admirar e arquivar:

Os substantivos dividem-se em concretos e abstratos, isto é, palpaveis e impalpaveis.

Exemplo de um substantivo concreto: — uma nova rica (cuidado com a multa de 950\$00)...

Exemplo dum substantivo abstracto: — A Junta Geral do Integralismo á espera de D. Duarte Nuno.

Os adjectivos servem para qualificar os substantivos, ou por outra, — diz-me com quem andas, dir-te-hei quem és.

Ha muita gente que anda acompanhada de uma grande quantidade de adjectivos, ás vezes tão exquisitos que até parecem nomes proprios...

Exemplo de um substantivo comum de dois: uma senhora casada que tem... um namorado ás escondidas.

Exemplo dum epiceno: o poeta Sevilla quando não sabe em que cadeira de pau do Brasil se ha de sentar...

A pontuação moderna não deixa tambem de ser curiosa. O dr. Alfredo Pimenta, por exemplo, é um grande ponto; um crêdor que não nos encontra em casa, é um ponto espantado; o sr. D. Manoel II, segundo afirmam por aí, é uma grande reticencia... Um ponto de interrogação é a attitude dos integralistas quando se q'ierem entender com o sr. Cunha Leal.

Ha verbos regulares e verbos irregulares. Um verbo regular — o verbo pedir. Toda a gente conjuga este verbo muito regularmente e ás vezes com uma tão grande semcerimonia que até parece descaramento, principalmente quando se trata de pedir dinheiro emprestado...

Um verbo irregularissimo é o verbo pagar. Para evitar desgostos e desaires é que se fazem amortizações nas casas bancarias... Ha mesmo quem não goste de conjugar este verbo. Eu, por exemplo, que sou uma pessoa, sem ser Fernando, muito grave, acho este verbo indecente. Prefiro o outro, mil vezes o outro...

Os gramaticos antigos dão-nos o verbo amar como um dos verbos mais deliciosamente regulares da nossa lingua. Cristo, com a sua maxima: — *amai-vos uns aos outros* — regulou a nossa vida. Foi pena Jesus Cristo ter-se esquecido de nos dizer o que haviamos de fazer ás sogras de cabelinho na venta...

O verbo amar pode ser tambem irregular, e é quando sabe melhor, ou devorando a maçã ou cubiçando a mulher do proximo... (Eu, que sou catolico austero, nunca cai, graças a Deus, na tentação de amar a mulher do proximo... Só tenho cubiçado e amado as filhas...)

Ha medicos que proíbem este verbo ás pessoas fracas.

Palavras exdruxulas são aquelas que têm um assento muito tonico na antepenultima sílaba. A palavra que Cambrene pronunciou só tem duas sílabas, é grave quanto á acentuação, mas apesar disso é a palavra mais exdruxula da nossa lingua...

Dr. Miudezas.



Virtude

Pecado

Castigo.

A ordem de S. Pafuncio

Como os leitores sabem, ha varias ordens, tais como: a de Aviz, a de S. Tiago, etc.; mas a ordem de S. Pafuncio foi recentemente insituida. Todos aqueles que, pelas suas qualidades de cravas, idiotas e fanfarrões, se distinguirem, podem, sendo aprovado pelo conselho da ordem, ser agraciados. A insignia é um esplendido colar, dos que vendiam os chineses, com uma medalha de chumbo lustroso, que tem a seguinte inscrição: «Dá cuspo no colarinho, etc.»

A instituição de uma nova ordem não admira ninguém; porém, tive de apresentá-la antes de me referir ao caso que deu origem a que escrevesse estas linhas.

Ha quasi um mês, um pintor conhecido em sua casa, o sr. Pompilio Ganso, pintou um quadro lindo. A imprensa não noticiou porque não teve conhecimento. Esse quadro, de cores naturais, foi, naturalmente, pintado de noite.

O Pompilio Ganso apresenta-nos S. Pafuncio jogando o pião no jardim dos Anjos. O mestre da Ordem, sr. Bernabé Fechadura, ficou maravilhado com o quadro e resolveu, propôr ao Conselho a aquisição do quadro e que o pintor fosse agraciado. Como não compareceram os restantes membros, foi, por unanimidade, aprovada a proposta do mestre.

Convém dizer que o grau de cavaleiro não existe nesta Ordem e que, como todos os encravados andam a pé, foi aquele grau substituido pelo de Peão.

O pintor vendeu o quadro por quinze tostões e, ao colocarem-lhe a insignia de official, ruborizando, pronunciou este eloquente discurso: —

«Senhor Mestre, senhores presentes e ausentes: — Francamente, eu, com toda a franquesa, estou satisfeitissimo. Creiam que nem sei onde me encontro e que estou comovido e confundido por ter subido a tão alto grau (termometro Hick's).

Como não encontro palavras expressivas para me exprimir expressivamente... eu fico por aqui».

E saiu. No dia seguinte, todos os jornais da vespera deram a feliz noticia e, por eles, um individuo do conhecimento do pintor teve conhecimento da condecoração.

Quinze dias se passaram e o tal individuo pode finalmente encontrar o pintor. Então, saudou-o com um sapo no ombro e com as palavras seguintes: — «Bravo, Ganso! O meu amigo, como é official de S. Pafuncio, não fala aos amigos. Então a insignia? Mostre aos amigos, pelo menos».

O Pompilio Manso teve um arrepio tal que pareceu que lhe deitaram um balde de agua fria nas costas e, apontando as botas, respondeu flegmaticamente: — «Já não a tenho. Fui pô-la no prego e com o dinheiro comprei estas botas».

O amigo, ingenuamente, deixou escapar estas palavrinhas meigas: — «Tinha sido muito melhor que te fizessem official de sapateiro e te dessem um par de botas».

Parece mentira, mas é verdade.

Viterbo de Campos.



— Porque não mandou o mesmo official que da outra vez?

— Então a senhora teme que eu não lhe trate tão bem como ele da canalização?



Deve e haver

Um homem, até então falhado em quasi todos os negocios, estabeleceu-se com uma mercearia no Intendente.

O negocio começou a dar e ele, intimamente satisfeito, encerrava-se todas as noites na loja e, com os seus conhecimentos extremamente rudimentares de escrituração comercial, assentava o movimento da sua casa, sob os títulos de *Trouche*, para os generos e dinheiro entrados, e *Lebou*, para os saídos.

Os seus visinhos, sabendo como os negocios da mercearia prosperavam e como a escrita era feita, começaram instigando-o para que tomasse um guarda-livros, a fim de ter as contas em dia, segundo as regras da contabilidade.

O merceiro, tímido, ruminava e dizia para consigo que, se os negocios iam bem, para que seria necessario ter as contas com o aparato bellico de numeros e cifras, em bonita caligrafia.

Mas tão picado foi e os negocios da mercearia corriam tão bem que ele via-se já atrapalhado para somar tanta parcela, que um dia resolveu — mau grado seu — tomar um guarda-livros.

E então a escrita da casa era feita com todo o rigor da contabilidade comercial, alinhados os numeros nas suas colunas que era mesmo um gosto de os ver. E os negocios corriam tão bem como dantes. Mas um belo dia, precisando de quatro contos repentinamente, foi pedi-los ao guarda-livros.

— Não ha, neste momento — gaguejou ele, mas para amanhã posso arranjá-los. E' só mandar receber umas contas.

— E' a tal coisa — diz o patrão enfurecido. — Enquanto era *Trouche* e *Lebou*, havia sempre dinheiro, agora que *Deve Haver*, não ha nem um pataco. Ora bolas para a contabilidade.

A D. PIRES

Foi numa *noite* que a conheci. E quanta recordação tenho desse magnifico serão — que não foi das *Laranjeiras* — dessa esplendida *serata*, que jamais olvidarei.

A D. Pires, que tem um espirito de perfeita distincção, aliado a uma graciosidade bem feminina, começou por deliciar-nos, mostrando-nos a sua biblioteca recheada de belissimos livros, de suculentas encadernações. Apontarei os mais conhecidos, como: «Fica aqui, não vás mais longe», do nosso Esculapio, «Cupido, a quanto obrigas», de D. Pires, livro que é simplesmente uma maravilha, tendo a recomendá-lo as setas em ouro e um coração bem vermelho da capela... imagens de uma grande concepção; «Sou ou não sou?», de Pinheiro Maluco; «Como se anda de vagar», do Carlos Bleck, e «A arte de vingar no canto de Portugal», por Romão Gonçalves, cantor bem conhecido, que é atleta e tem umas vi-nhas em Africa.

Trocou-se então um pouco de espiritualismo, que foi estupendo, atacando esta senhora os pontos mais formidáveis das obras que apontei. Mostrou-nos com verbosidade e multa verborreia o titulo do seu livro «Cupido, a quanto obrigas». E' uma mulher extremamente moderna, digerindo romances e salpicando por vezes a sua graciosa frase predilecta: — «*beaucoup*, é «*catita*» — com mordidelas nos seus labios quais cerejas (e os teus olhos azeitonas) e belisões infantis.

E' uma senhora que, estando quasi formada por sua faculdade, e sendo atenta ás suas faculdades, antevê na gloria da sua formatura as formas mais necessarias para a sua forma e formação.

São um encanto as suas maneiras, as suas obras e as suas cartas, que bem mostram o quanto fez uma intelligencia culta. Por acaso li uma sua carta em que me convidava para um chá valsante, a que eu falttei, bem contra a minha vontade e que bastante me entristeceu. Ei-la:

«*Sinhor Mariano — Meu caro — Ao receber esta desejo que esteja bom eu fico suffrível sempre vem ao chá na quinta? Joaquim quer ver o automobíl vou compra-lo e talvez faça negocio do café isto é um subelime negocio viu ontem a fita do Tivoli e gustei das partes do pertargunista,*

pois é um grande artista de feeril, eu como sabe gosto destas noites de arte que para mim é queijo: tragame as obras do Jorge. — Pires.»

* * *

Mas voltando á amena *noite*.

Depois da parte literaria, seguiu-se uma audição de gramofone com piano, que resultou uma confusão agradabilissima ao ouvido. D. Pires deu-nos por fim, em oitavas e a oito mãos, a valsa «*Lá vem longe*», onde foi insuportavel de beleza. Dançou-se finalmente, pondo-se na sala azul, nivelna, processo muito superior á vaselina e que torna a dança muito mais amena e subtil. Aos diversos compassos notei, e com arrobos de paixão, a sua graça de Lea Niako e o exquisito perfume que exalava esta tão encantadora mulher, perfume que dava a impressão de ser «*sovaquinho*». Por ultimo, soube que a semelhança no cheiro é perfeita com a agua Azulássia de São, que é a ter-bentina usada por D. Pires.

Vem então, num intervalo, o usual *copo d'agua*, que foi a capricho, tendo eu occasião de ver o quanto a illustre literata detesta a materia. E assim é que não sabe nem pretende co-sinhar, arranjar os seus fatos, a sua casa, odiando as cebolas e nutrido grande aborrecimento pela nata dos pastéis. Sómente lhe satisfez um molho de linguado, que, confesso, tinha mão de mestre.

Emfim, isto só denota a autentica mulher que todo o cidadão devia ter, para bem da Patria e do lar.

Terminado este serão tão grato, eu saí extasiado, pensando que era uma pena um genio assim estiolar-se neste ambiente prosaico, onde poderia não ter aparecido, o que seria uma felicidade.

Ainda ha bem pouco tempo — como o tempo vóal — soube que adquiriu em Berlim um dirigível por dois mil quillos, continuando a ser esmolero e socorrendo os necessitados com a deslocação do ar do seu aparelho e não fazendo mais porque parece mal...

Seres assim deviam ser eternos, não neste mundo, que não os compreende, mas sim no outro... outro... Gloria pois ás Pires, sustentáculos da Raça!

Armando Mariano

ALEGROS

Se metes dois grãos na aza,
não te julgues *enfrascado*;
ha um termo apropriado
p'ra quando o vinho extravaza;
utilizado.

Já não se diz *carraspana*,
nem se diz *emborrachado*;
a policia, muito lhana,
chama a todo o *bebedana*;
utilizado.

Acabou-se o *pé inchado*
mesmo com *menino ao colo*;
já não ha *gravata ao lado*;
só se diz, de polo a polo;
utilizado.

A *turca* foi á viola
e a *perúa*, por seu lado,
tambem sofreu a degola;
um só termo faz escola;
utilizado.

Cardna, *nena*, *piéla*
são agora *estilo usado*
que já não tem cabidela;
surgiu a palavra bela;
utilizado.

O *bêbedo* já o não é
e o *borracho* que, mau grado,
não tem mão na *agua-pé*,
termo novo tem até;
utilizado.

Grossura, que a todos ouço,
não é termo delicado;
arranjou-se um termo moço,
mais fino e que torna o *grossô*;
utilizado.

No S. Martinho, p'la prova,
já tudo andar á *taxado*
p'la nomenclatura nova;
utilizado...

... e das de caixa á cova,
... ..
Pobre do vinho, coitado,
mais uma vez baptizado!

João Triste.

AS NOSSAS CAPAS

Estão á venda as capas do *Sempre Fixe* que Francisco Valença ilustrou com mão de mestre.

O *Fixe* que entre muitas virtudes tem tambem a de adivinhar o futuro, teve desta vez um precalça: não adivinhou que seria prohibido andar sem botas e o ardina da capa, figura ali tão descalço como Deus Nosso Senhor o deitou ao mundo. Não sabemos se a policia a apreenderá, por causa disso. Confiamos, porém, em que quem tem capa sempre escapa.

Agora podem os nossos leitores e assinantes requisitar á nossa administração as magnificas capas que lhes serão fornecidas pela modica quantia de 10\$00, só a capa, e de 15\$00, com a encadernação feita. Colecções completas, devidamente encadernadas 40\$. E' aproveitar que poucas são as colecções que restam.

SEMPRE FIXE vende-se na Povoada de Varzim, na Livraria Academica Editora.

NA PRAIA



— Fugindo aos fantasmas... do Estoril.



— Jorge, um cabelo comprido no teu casaco. Com quem andas tu?



— Temos que alargar a porta da garage.
— Para quê, patrão, se cabe por ella um autobus?
— Bem sei, mas é que a senhora tirou hoje licença para guiar.

Questões de etilismo

O homem: — O sr. guarda faz favor explica-me porque se chama etilista a um bêbedo?

O polícia: — Isto é claro como água. Está-se mesmo a vêr. A palavra vem do latim «ente» e «litr». Mas como estas palavras sofreram transformações do latim para o português, ficou *etilista*. Ora aqui tem.

O guarda: — O' mé chefe. Este homem está *estencilizado*.

O chefe (para o preso): — O senhor então não tem vergonha nenhuma. «Inestiliza-se» assim desta maneira. O senhor é um «inestilista» inveterado!

O preso: — Perdão, senhor chefe. Eu juro-lhe...

O chefe: — Não jure...

O preso: — Eu juro, senhor chefe, que não sou um etilista. Sou um *setilista*.

O chefe: — Hom'essa!

O preso: — Sim, senhor. Porque só bebo sete de cada vez.

O polícia para o chefe: — Trago aqui este homem que encontrei «entilizado», ou melhor, «estencilizado» no meio da rua.

O chefe: — Estencilizado?!

O guarda: — Sim, senhor. Estava estendido ao comprido no meio da rua.

A mulher para o marido: — Patife. E não tem você vergonha de vir neste estado para casa. Bêbedo assim nunca o vi.

O marido: — Oh! mulher. Olha que eu não estou bêbedo. Ouviste? Eu estou atacado de etilismo.

A mulher, mudando de tom: — Ai filho. Então manda chamar o doutor, que isso pode ser grave. Sempre ha cada doença agora!

O chefe para o marítimo preso: — Onde é que o senhor estava quando se etilizou?

O preso: — Estilizou?! Que raio de coisa é essa? Entilizar...

O chefe: — Que raio d'homem é você que não sabe o que é entilizar. Entilizar é estar bêbedo.

O marítimo: — Ah! Eu estava ao pé da bitacula, lá a bordo.

O chefe: — Bitacula!? Que coisa é bitacula?

O marítimo: — Que raio de chefe é vocemecê que não sabe o que é bitacula!

O garoto para o pai: — O Alexandre Herculano foi um bêbedo muito grande, não é verdade, papá?

O pai: — Porque é que o menino diz isso?!

O garoto: — Então o papá não diz que Herculano foi um grande etilista?



— O advogado mais consultado no verão.

TAC-TAC-TAC

HISTORIA DUMA AVE

Entre os apontamentos que possuo para o vasto volume das minhas memórias, encontro os que se referem a três historias de aves, *penosas*, como no meu agradável tempo do Mondêgo se chamavam em calão académico.

E' a historia «da perdiz roubada», a historia «do ganço do sr. doutor» e a «da canja do Comendador».

Comecemos por esta.

Voltára do Pará, pôdre de rico, Inacio Soares, natural de A-dos-Canhas, homem dos seus cinquenta bem puxados, de ameno convívio, pitoresca conversação, bem justa fama de guloso e pelando-se como tal pelos pitêus de gôsto que lhe fazia sua mulher, a *Senhora Estrudinhas* (como ele ternamente a apelidava).

Estrudinhas era *di id*; nascera em Pelotas, mas, paradoxalmente, andava sempre muito bem fornecida de saias engomadas e de lenço á cabeça, á moda bahiana.

O comendador Soares, sempre que a ela se referia, em conversa com os seus amigos, honrados comerciantes de sécos e molhados, tal qual ele fôra, antes de retirar-se á privada, dizia assim:

— A senhora Estrudinhas, minha digna esposa, não é por me gabar, mas é muito dengosasinha...

E, assim que tinha pretexto á mão para descrever-lhe o geito culinario, era um nunca findar de elogios e diminutivos carinhosos.

— Ontem, lembrou-se — dizia Inacio — de me fazer por suas mãosinhas um *vatapá*. Oh, meus amigos,

aquilo não era *vatapá*; era *manjar celeste*! E a canjinha que ela faz?! Que canjinha, que canjinha!...

E revolvía os olhos num espasmo de delicia.

Ora um dia, os amigos, á falta de convite mais espontaneo, lembraram-lhe a conveniencia de provarem da afamada canja.

O Soares acedeu.

— E' no domingo que vem! — concluiu, radiante.

E, no domingo seguinte, á mesa profusamente ornamentada com frutos e grandes ramos armados em arame, Julião Biscaíña, Manoel Rodrigues e o Neves, da *cachaça* (porque era muito dado a libações) sentavam-se com devoção, a fim de saborearem o celebre pitêu da *Estrudinhas*.

Inacio quasi não enguliu a sopa, na delicia de surpreender na cara dos convivas a apoteose da esposa como cosinheira. Mas os convidados pareciam aflitos, muito enfiados a engulir o caldo como quem comete uma obrigação.

E a respeito de elogios — nada!

— Então não dizem nada desta canja da senhora Estrudinhas? — perguntou o Soares, já encavacado.

E o Neves, quasi a medo, atreveu-se:

— Ela quentinha está... O que ela é — é amarga...

— Você está *etilizado*, seu Neves! — exclamou, colerico, o comendador.

«Pois fui eu á praça comprar a ave mais cara que lá havia. Esta canja foi feita com um papagaio.

Cirano do Velhofrac.

ENTRE AVIADORES



— Parece-me que é o avião do Cifka Duarte.

— Oh filha diz-lhe que não estou, saí mesmo agora... de bicicleta

Charadas em Iraze

O macho da alma ratada produz uma retro-doença. — 2-2.
Decifração: *almoroidas*.

As duas consoantes e a vogal por traz, eu disse para o animal. — 1-1-2.
Decifração: *cracudito*.

O oxigenio nesta feito masculino são o homem. — 1-2.
Decifração: *Arnesto*.

Junta a fortaleza duas vogais e uma sonsoante, tira-a da fortaleza e papa-a. — 2-2
Decifração: *casteleta*.

Mede o pau á femea do rei das selvas. — 2-2.
Decifração: *Esther Leôa*.

A mulher com a proposição dá o poema. — 3-1.
Decifração: *Luziddas*.

O ouro francês com o gume ficaram sem pai. — 1-1.
Decifração: *Orfio*.

Fez versos e nasceu em Setuble. — 3-3.
Decifração: *Poeta Bocagem*.

A peça musical com o Tejo dão um trabalhador. — 2-2.
Decifração: *Oparario*.

O diminutivo com o rapaz inglês fazem: pouca terra-pouca terra. — 1-1.
Decifração: *Quimboy*.

Toujours em português conserva-se por aqui no jornal.
Decifração: *Sempre flique-se*.

A creança na vogal e na consoante dão uma besta de força. — 2-2.
Decifração: *altfante*.

Gargalha e pica nas costas dos grandes covais do teatro. — 3-2.
Decifração: *Ricardo Cuvões*.

Três vezes e uma parte da peça na diversão. — 1-2.
Decifração: *triacto*.

Vá-se embora o irmão do nome. — 1-2.
Decifração: *Girmanô*.

O pequeno Joaquim com o homem anda todos os meses. — 1-1-1.
Decifração: *Quimzé Dias*.



A criada da escritora — Minha senhora, quereria escrever-me uma carta de amor?

— Sinto muito, Romuaida, mas para isso preciso estar inspirada.

— Eu já o supunha. Por isso trago aqui o retrato dele.



— Que côr tão feia a destes caranguejos das praias.

— E' verdade. Que diferença daqueles da cidade, tão encarnadinhos...

O "Sempre Fixe" daqui a 200 anos

A QUESTÃO DAS AGUAS. — O sr. dr. Brito Camacho realizou ontem uma conferencia sobre a questão das aguas de banho. Ao conferente, que admitia controversia, respondeu o sr. Carlos Pereira, que descreveu minuciosamente o seu ultimo invento de um contador que, tal qual sucedia em 1928, continua a não deitar pinga d'agua.

Da conferencia resultou ter ficado assegurada a falta de agua no proximo ano.

TEATROS. — A proposito da vinda para o Coliseu da companhia Velasco, parece que os artistas vão todos vestir-se de negro, por assim o ter proposto o joven actor Nascimento Fernandes, que tem imensa piada nestas e noutras coisas.

— Na assembleia realizada ontem no Gremio dos Artistas Teatraes, o sr. Augusto Soares explicou a definição, entre outras, da palavra "troucentaas".

A assembleia volta a reunir amanhã para tratar do caso da companhia Eva Stachino que, tendo 109 empregados portugueses e 9 estrangeiros, está fazendo uma concorrência extraordinaria ao teatro nacional.

— A nova revista dos revisteiros Lindo Ferreira, Silva Tavares, Lopo Auer, Alvros Santos e Leal, Lourent Rodrigues e Feliciano Saints, sete novos que apparecem agora, intitular-se ha "Paris em Lisboa". A musica será dos conhecidos maestros internacionais Angel Gomes, Alves Lapin e Raul Ferrão, que para a nova peça estão escrevendo musica dos melhores compositores mundiais.

VARIAS. — A conhecida escritora Mercedes Blasco terminou já o seu livro "Os meus mil homens", que breve apparecerá á venda.

— O *Diario de Noticias* vai organizar para o mês que vem a sua peregrinação, a exemplo daquela que realizou no ano de 1928.

Em vez da custodia de Belem, que desta vez não foi cedida pelo sr. dr. José de Figueiredo, irá o Custodio das Dóres.

— Um avião da carreira da Estrela chocou ontem com um outro que vinha do Camões. Parece que o culpado do desastre foi o policia sinaleiro que está collocado sobre a Caixa Geral dos Depositos.

— O sr. Ferreira do Amaral, na ordem policial de ontem, diz que os guardas que se utilizam se compararam a quatro animais: ao burro, ao macaco, ao leão e ao policia.

O director do *Sempre Fixe* resolveu convidá-lo para colaborador efectivo do grande semanario humoristico.



— Deu-me duas bofetadas e chamou-me malandro.

— E tu?

— Fui calmo... Respondi-lhe que me podia chamar malandro mas que não tinha o direito de me dar as bofetadas.

Lisboa moderna

Entrevista com um ex-candieiro da Avenida

Lisboa vai ter luz a jorros. A Camara Municipal já começou a fazer a revolução. Dos velhos candieiros de arco voltaico que iluminavam a Avenida da Liberdade, que por escarneo tem a Penitenciaria ao fundo, só existe hoje o sitio. Mudaram de residencia, foram para o Aterro, para a Junqueira e outros pontos. O bom *reporter* tinha por dever fazer uma entrevista com um desses velhos inimigos da escuridão impenetravel do tempo do Passeio Publico e das terras saudosas do Val do Pereiro, com as suas hortas e esburacados pardieiros!

O jornalista tirou-se, pois, dos seus cuidados e lá foi até á Junqueira, onde agora se ergue sobranceiramente um dos tradicionais candieiros, um daqueles que durante muitos anos esteve ali por alturas da rua das Pretas.

— Já sei ao que vem — atalha confismente o nosso amigo, e continua: — Muito obrigado pela atenção. Ainda ha quem nos conheça.

Mais á vontade fomos direito ao assunto:

— Diga-nos com franqueza: teve um grande desgosto com esta precipitada transferencia?

— Evidentemente — responde-nos. — Que saudosos tempos os da Avenida. O que nós presenciámos durante tantos anos. Porque nós somos bem velhos. Calcule que ainda somos da epoca em que a maioria das pessoas que glorificaram a Republica se descobriam respeitosamente á passagem da carruagem do rei D. Carlos!

— E' curioso — cortámos.

— E' claro — continua o candieiro — que essas pessoas imaginavam que nós, por sermos candieiros, não os disfrutavamos. Nisso é que eles se enganaram. Ainda me recordo das paradas e das batalhas de flores. O monarca, desde que começava a descer a Avenida, era saudado entusiasticamente. Nunca conseguia ver uma gravata encarnada. Pretas, sim, principalmente na Semana Santa, quando os actuais livres-pensadores saiam das igrejas de manhã e á tarde iam para os concios de propaganda republicana.

— E' claro — objectámos — que os monarchicos ainda eram mais corteses para com a familia real?

— Puro engano — responde-nos —

nunca vimos Paiva Couceiro a tirar com tanto respeito o seu chapéu ou fazer hirto a continencia ás Magestades.

Achámos conveniente não continuar a ferir a questão politica e abordámos outro assunto.

Aventurámos a pergunta:

— E no capitulo de amor?

O candieiro sorri e responde:

— O que eu vi, meus amigos! Que vimos! Na sombra dos bancos, quantos beijos furtados a sopeiras peis guardas municipais!

— Só isso? — inquirimos.

Resposta rapida:

— Então o que é que o meu amigo queria... Também era melhor! Um beijinho, um apalpaço e estavam com sorte. Mas hoje é bem mais decente. Veja você se depois da meia noite encontra algum parsinho de Franca na Avenida, sentado nos bancos. Só encontra homens.

— Ou revolucionarios em noite de bernarda — atalhámos.

— Abi está uma coisa por que nunca demos: os revolucionarios. Costumam apparecer, depois da revolução, a dar vivas. Deixe-me dizer-lhe. Se não fôsse o ruido da artilharia e das metralhadoras, a Avenida nunca gozaria de tamanho soego...

— Em compensação — dissemos — a Avenida, hoje, em occasões normais, é concorridissima: theatros, cafes, *dancings*.

— Pois sim — responde-nos — mas é conforme. A Avenida divide-se em duas partes: do Parque Mayer para baixo e do Parque Mayer para cima. O que se faz pelas imediações da Gloria não é positivamente o mesmo que se fez de Bara'ta Salgueiro para cima...

— Percebo, — obtiverámos — o prazer varia e o movimento é outro nas imediações da rua Rosa Araujo, o consagrado confeitiro *Có-Có*, a que a cidade tanto deve.

— Justamente — observa o nosso interlocutor, — para melhor concretizar, basta que o meu amigo substitua as duas vogais repetidas desse *sobriquet*...

Cumprimentámos delicadamente o candieiro. Receámos que o dialogo fosse muito longo!

Reporter Y.

Ilusão de ótica



— Acode-me Alfredo, um tubarão... quer-me comer

Os esposos Venancio em Lisboa

João Venancio veio um dia a Lisboa com a sua cara-metade. Depois de percorrer a cidade, de nariz no ar, João Venancio, que mal soletrava, entrou no atrio do Coliseu e decorou todos os letreiros e programas que estavam afixados nas paredes. Andava na sua faina quando viu a porta que dá serventia ao atrio para o café da conhecida casa, de espectaculos. E, após uma pequena vacilação, o nosso amigo Venancio entrou com a esposa, indo ambos sentar-se a uma mesa.

O criado, solícito, veio até junto dos fregueses e perguntou:

— Então, o que tomam?

João Venancio fez um pequeno esforço de memoria e exclamou:

— Traga-me dois *fautouils*.

— Os bilhetes vendem-se naquele lado — respondeu o criado — apontando para a bilheteira do Coliseu.

João Venancio, porém, retorquiu:

— O senhor está a brincar comigo?

Eu ainda sei o que leio. Li perfeitamente a lista dos artigos expostos á venda que a casa é obrigada por lei a ter afixada. Por sinal que é tal qual a que o Zé Maria tem lá na terra, na mercearia.

A discussão ia tomando calor, até que o patrão appareceu a saber do sucedido.

João Venancio informou logo:

— Eu quero dois refrescos e pedi ao criado para me trazer dois *fautouils*, mas esse cavalheiro, em vez de me servir, principiou a troçar cá do salão.

— Desculpe, freguês — respondeu o patrão — eu vou servi-lo. E pouco depois apparecia com dois *capitês*.

João Venancio bebeu, assim como a esposa, e, satisfeito, pagou a despesa e saiu, não sem ter exclamado:

— Lá porque me veem vestido de lá, julgam que sou algum carneiro...

Os esposos Venancio continuaram percorrendo a cidade e, como se aproximava a noite, resolveram procurar hotel onde se instalariam.

Quando passavam no largo do Directorio, João Venancio demorou-se a apreciar a architectura do teatro de S. Carlos. Ao aproximar-se da fachada do edificio, viu um cartaz meio desfeito pela acção do tempo, mas ainda se distinguindo o anuncio, em grandes letras, da celebre opera *Othelo*.

João Venancio soletrou e, voltando-se para a mulher, disse:

— Olha, isto é um hotel; podemos ficar aqui.

E ambos se dirigiram ao policia que andava proximo, perguntando por onde era a entrada para o hotel.

O civico olhou os esposos Venancio e, dizendo-lhes que estavam enganados, indicou-lhes uma hospedaria, aconselhando-os, com bons modos, a que se acautelassem com os *avigaristas*.

— Não ha novidade, sr. guarda — respondeu o Venancio — eu tambem sou *causteridade*: sou o regedor lá da minha freguesia.

Tom Mé



O sapateiro — Acabo de vingar nessa rapariga mais de um milhão de cidadãos. E' telefonista e dei-lhe o numero trocado.



O que se diz e o que se não deve dizer

“Foot-ball” de campo e “foot-ball” de taboleiro

Os resultados do foot-ball, no domingo passado, foram, como se sabe: União-Bemfica—0 a 0. Belenenses-Sporting—0 a 0. Foram uns scores sintéticos—definindo perfeitamente os jogos: nada! nada! nada! Nada!—exceptuando os quatro goal-keepers que fizeram beneficio...

«—Pois a ti proprio, que te julgas tão esperto em materia de automobiles, ele era capaz de vender um carro sem motor... e ainda lhe ficavas muito agradecido...»

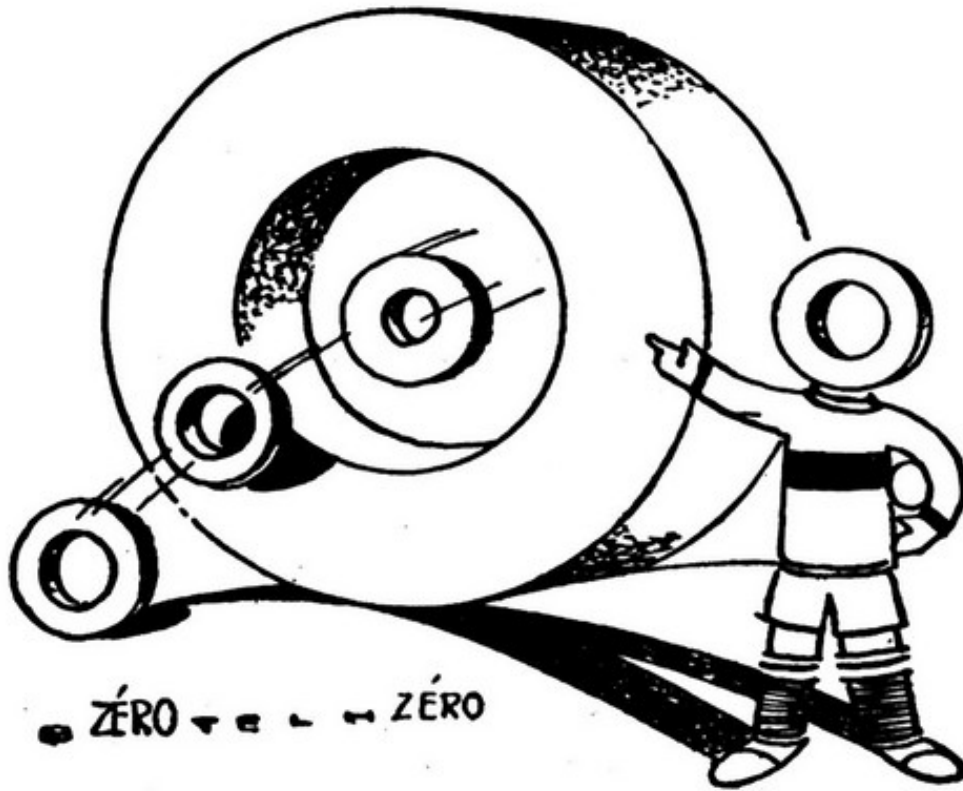
da rua da Padaria, 8, 1.º, teve a gentileza de nos oferecer um Foot-ball de Taboleiro—feliz adaptação alemã do mais popular dos desportos aos jogos de mesa.

«Como V. Ex.ª terá ocasião de verificar, o foot-ball de taboleiro tem para os jogadores de foot-ball a vantagem de lhes permitir viver o seu jogo favorito nas horas de inactividade, obrigando-os a aplicar as suas facultades psíquicas que interveem no jogo de campo.»

A firma Artur Baptista, Limitada,

Uma carta que acompanha a lenhorante oferta dizia-nos:

A ZERO



ZÉRO

Uns zeros maiores, outros mais pequenos, mas... de resto são tudo zeros. Conclusão: o foot-ball lisboeta está a zero.

Sim senhor! Verificámos. E de tal forma o jogo é bem vivido que houve que empregar dois arbitres e iam apañando ambos; duas tarefas... Parecia mesmo um Torneio de Preparação...

Um jornalista inglês visitou em Antibes o conhecido escritor Bernard Shaw, a quem perguntou:

«—O sonho do campeão mundial de box, Gene Tunney, é travar conhecimento com o senhor. Está disposto a conceder-lhe essa satisfação?»

Shaw respondeu: «—Com muito gosto. Mas põno uma condição: a de não haver em volta de nós seis fotografos e seis jornalistas.

«A nossa entrevista sera a de dois simples particulares. Eu falarei de box. Ele que me fale de literatura. E entender-nos hemos maravilhosamente...

«De resto, Tunney tem bom gosto. Disse que *Cashe Byron's Profession*, minha primeira obra, não vale nada. E é tambem a minha opinião...»

Rebola-A-Boia.

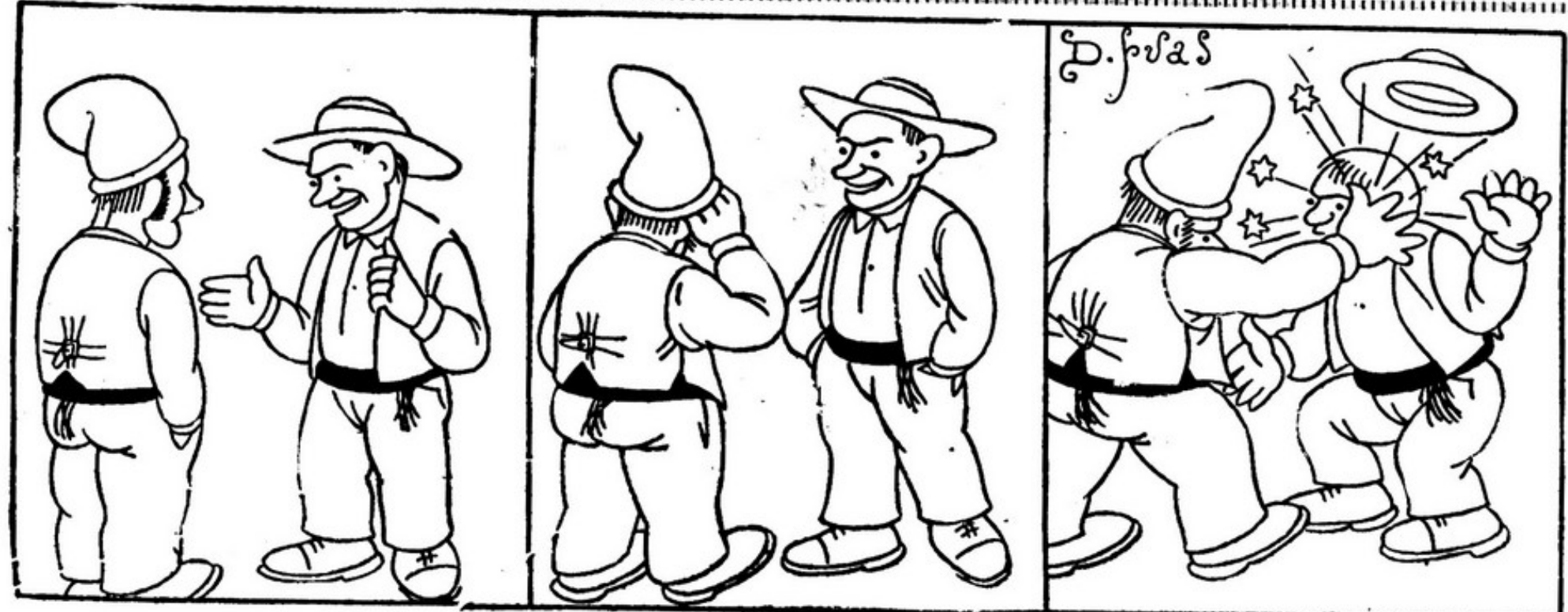
Como o Sporting e o Belenenses empataram no torneio da Preparação, com o mesmo numero de pontos, parece que terão de ser *depar-tagés* pelo *goal-average*.

Diz O Seculo: «E o Sporting terá então passado por média... Um triunfo pouco convincente, um triunfo morto, encontrado através de operações aritmeticas, mais ou menos laboriosas...»

A passagem por média é uma excelente piada. Quanto ás laboriosas operações—abobora!

Um conhecido az do volante tem-se notabilizado entre nós como agente de marcas invendáveis...

Dir-se-hia um monopólio de sucata... Mas o certo é que o az em questão possui inegavelmente o dom de saber vender—e de tal modo que, estando alguém a dizer mal das marcas que ele actualmente trabalha, houve quem observasse.



— Tu és capaz de adivinhar o que é que eu levo na mão quando vou á cidade?
— Levas o guarda-sol...

— Não, não é...
— Levas a saca com uma boa merenda...
— Tambem não é a saca...

— Então que levas?...
— Pois levo na mão cinco dedos!...
— A' patife!... Tambem eu. Conta-os lá...

ECO DA SEMANA



ORA AQUI ESTA A RAZÃO PORQUE HOVE UM DILUVIO ESTA SEMANA - (S. PEDRO, RESPEITANDO A LEI "PE DES CALÇO" COMPROU UNS SILENCIOSOS PARA NÃO FAZER BARULHO CA' PARA BAIXO)

o fono é a única de maior circulação.



RUM... RUM... RUM VAMOS RR'ANGOLA MAIS ESTA CARANGUETÓLA



ANIVERSARIO NATALICIO

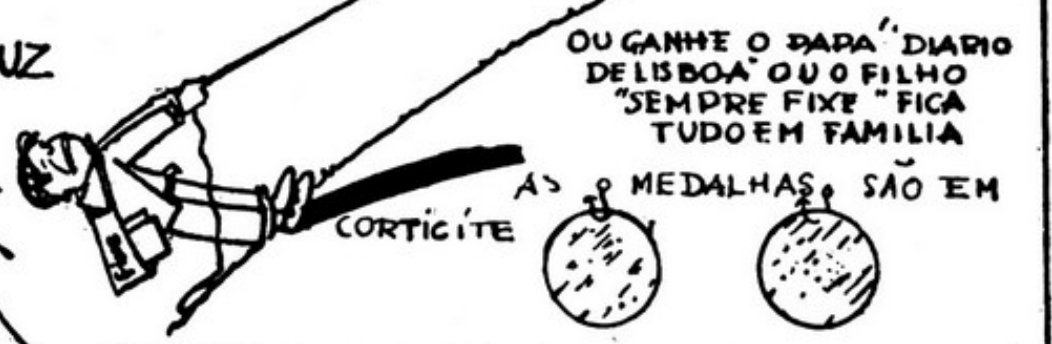
AS FESTAS DO ESTORIL E OS NOSSOS 'ARDINAS'

LISBOA-DORTO-Lx^{as} EM MOTO-CONTINUO

COM DEZOITO ANOS!! JA ESTA UM HOMEM...

AS MOTOS ADQUIRIRAM TAIS VELOCIDADES QUE CHEGARAM POR VEZES A SE PARAR-SE DOS CONDUTORES

INUNDAÇÕES DE AGUA E LUZ



OU GANHE O DADA "DIARIO DE LISBOA" OU O FILHO "SEMPRE FIXE" FICA TUDO EM FAMILIA

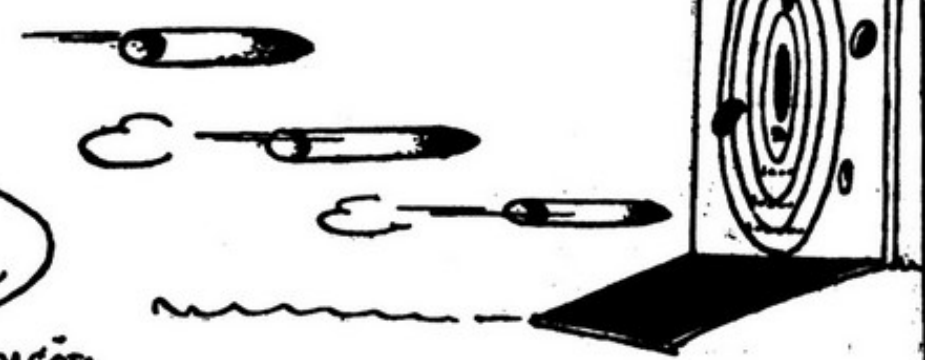
CORTIGITE

AS MEDALHAS SÃO EM



UMA ENTREVISTA FRESCA

COMEÇARAM AS CARREIRAS DE TIROS EM PEDROUÇOS



NÃO HA INUNDAÇÕES QUE FAÇAM ARREFECER CERTOS CORAÇÕES

ACABOU-SE O PE' DESCALÇO AGORA O GATO SE QUIZER SEGUIR A PEIXEIRA TEM DE PÔR BÓTAS TAMBEM...



CAES, PULGAS, BARATAS ETC, TUDO SE CALÇA

OS BURROS, OS CAVALOS E ETC, TAMBEM... SO O SALOIO, NÃO PORQUE ESSE, SEGUNDO DIZEM, JA VEM CALÇADO QUANDO NASCE.



AQUI ESTA UM 'TRUC' PARA FUGIR A POLICIA...



SERA O POLICIA CAPAZ DE AFIRMAR QUE O HOMEM NÃO VAI CALÇADO?

POR ESTA FORMA NÃO LHE PODE IR AO PE.

DE TAL HE DO MODELO ECONOMICO DE CALÇADO APRESENTADO PELO fixo. (PATENTE 9999)